



A contribuição das mulheres na construção de sistemas alimentares social e ambientalmente justos, com soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade

The contribution of women in the construction of socially and environmentally fair food systems, with sovereignty and food security and conservation of agrobiodiversity

MEDEIROS, Maria Madalena¹ de; ALMEIDA, Ana Patrícia² Sampaio de; SILVA, Ana Eliza³ Oliveira; e SILVA, Jarcira⁴ Oliveira

¹ Centro de Ação Cultural(CENTRAC), madalenacentrac@gmail.com; ² Centro de Ação Cultural(CENTRAC), anapatriciacentrac@gmail.com; Centro de Ação Cultural (CENTRAC)³, anaelizacentrac@gmail.com; Centro de Ação Cultural (CENTRAC)⁴, jarciracentrac@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

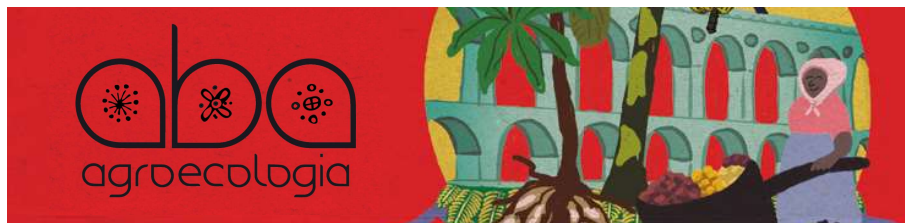
Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: O objetivo da pesquisa-ação foi visibilizar a contribuição das mulheres para construção de sistemas agroalimentares social e ambientalmente justos com soberania alimentar e conservação da agrobiodiversidade a partir do estudo de caso de dois assentamentos no semiárido paraibano. Realizou-se uma pesquisa-ação, inspirada nas Cadernetas Agroecológicas e no Método de Análise Econômica Ecológica de Agroecossistemas (LUME). A coleta de dados foi realizada a partir de visitas técnicas, aplicação de um Questionário de Caracterização Socioeconômica e da Linha do Tempo para Representação da Trajetória do Agroecossistema e realização de entrevistas semiestruturadas, tendo como referenciais teórico-analíticos a Sociologia Econômica e a Economia Feminista. Conclui-se que no agroecossistema familiar os quintais agroecológicos – espaço de gestão das mulheres, concentra os subsistemas mais diversificados. Embora em razão da não valorização do trabalho das mulheres, seja os menos visibilizados.

Palavras-Chaves: mulheres agricultoras; feminismo; equidade de gênero.

Introdução

Este artigo foi elaborado a partir da pesquisa-ação desenvolvida pelo Centro de Ação Cultural (CENTRAC) junto à mulheres agricultoras assentadas da reforma agrária em fase de transição agroecológica dos Assentamentos José Antônio Eufrouzino e Pequeno Richard, localizados no município de Campina Grande, região semiárida do Estado da Paraíba. Buscou-se analisar a contribuição das mulheres para construção de sistemas agroalimentares social e ambientalmente justos, com soberania alimentar e conservação da agrobiodiversidade, a partir do estudo de caso dos dois assentamentos. Em seu cotidiano, as mulheres realizam uma diversidade de trabalhos que permanecem invisibilizados nas relações que não mobilizam recursos monetários, como a produção para autoconsumo, trocas,



doações, além das atividades domésticas, como limpar, cozinhar, organizar e de cuidados na manutenção do bem-estar de outros indivíduos da família. Neste contexto visibilizar o papel econômico das mulheres, especialmente em situação de escassez de água para produção de alimentos animal e vegetal, consumo humano e consumo doméstico é fundamental para a construção de políticas voltadas para as mulheres inseridas na agricultura familiar de base agroecológica, assim como para construção de sistemas agroalimentares social e ambientalmente justos, com soberania alimentar e conservação da agrobiodiversidade.

A invisibilidade e desvalorização do trabalho das mulheres se expressa tanto nas atividades de cuidados como nos quintais agroecológicos e se somam à falta de autonomia, associada a relações de poder desiguais na interação com os homens. As desigualdades de gênero acham-se enraizadas em todas as dimensões da vida social, tanto no público quanto no privado, constituindo-se como um dos principais fatores da reprodução e do agravamento das condições de precariedade e exclusão nas quais vive uma parcela significativa das mulheres rurais.

Metodologia

A pesquisa-ação foi inspirada nas Cadernetas Agroecológicas e no Método de Análise Econômica Ecológica de Agroecossistemas (LUME). A coleta de dados foi realizada a partir das visitas técnicas e travessia na propriedade, sendo possível visualizar as práticas de manejo, insumos utilizados, origem, produção e seu destino, distribuição espacial dos subsistemas, infraestrutura e a agrobiodiversidade local. Durante uma das visitas foi aplicado um Questionário de Caracterização Socioeconômica e da Linha do Tempo para Representação da Trajetória do Agroecossistema e realizada entrevistas semiestruturadas, tendo como referenciais teórico-analíticos a Sociologia Econômica e a Economia Feminista. Para Siliprandi (2009) o agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto a sua extensão) onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas

e o ecossistema original. Para se entender essas relações é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (como os bioquímicos e agrônômicos), mas também as interações entre os seres humanos.

O estudo envolveu 50 mulheres assentadas da reforma agrária que vivem em lotes que variam entre 15 a 18 hectares, sendo 37 mulheres do Assentamentos José Antônio Eufrouzino e 13 do Pequeno Richard, no período de janeiro a dezembro de 2022.

Buscou-se identificar a diversidade cultivada nos agroecossistemas familiares com foco especial nos quintais agroecológicos espaço de autonomia e gestão das mulheres e nos quais se encontram os subsistemas horta, pomar, plantas medicinais e a criação dos pequenos animais e a produção de alimentos, construção do conhecimento agroecológico, reprodução e conservação da agrobiodiversidade e dos saberes a ela associados, geração de renda e segurança



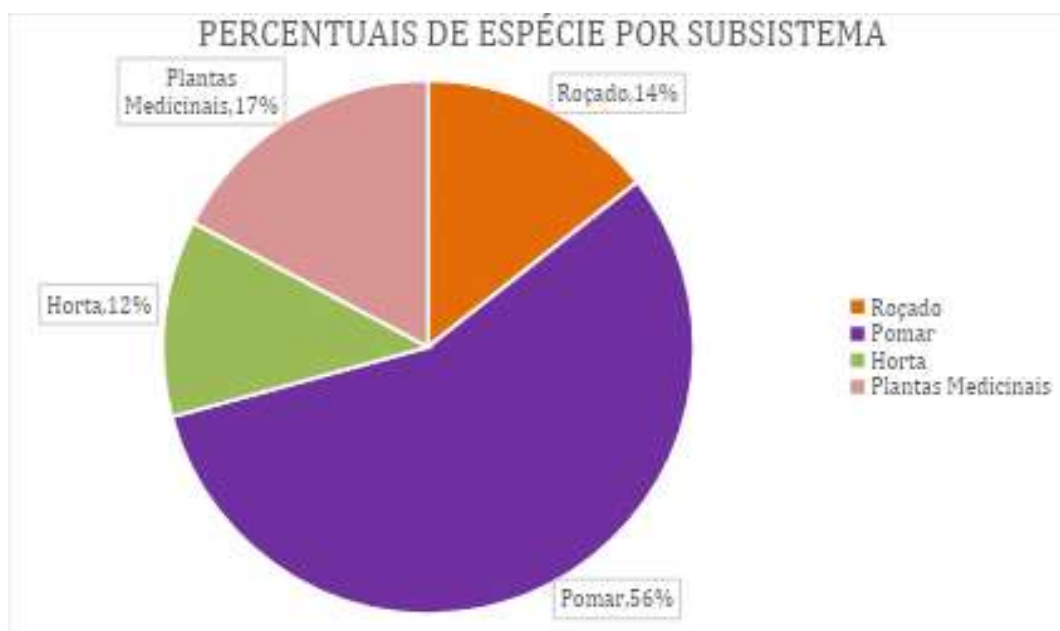
alimentar e nutricional das famílias. Os dados coletados foram sistematizados e devolvidos as mulheres.

Resultados e Discussão

A partir desse processo de pesquisa-ação inspirado nas cadernetas agroecológicas e no LUME, coletamos dados relacionados a contribuição econômica, ambiental e política das mulheres para construção de sistemas agroalimentares social e ambientalmente justos com soberania alimentar e conservação da agrobiodiversidade.

No subsistema pomar foram identificados os cultivos de 137 espécies de fruteiras o que corresponde a 56% das espécies cultivadas pela famílias, 42 espécies no subsistema plantas medicinais, o que representa 17% das espécies cultivadas e 29 espécies no subsistema horta o que corresponde a 12%, num total de 208 espécies considerando os 03 subsistemas mencionados o que representa 85% das espécies cultivadas no agroecossistema. No subsistema criação animal, foram identificadas as criações de galinhas, perus, guinés, ovelhas, cabras e porco.

Já no subsistema roçado, no qual as mulheres também trabalham, mas a gestão está a cargo dos homens, foram identificadas 35 variedades de alimentos o que corresponde a 15% das variedades cultivadas no agroecossistema, sendo 17 variedades de feijões, 09 de fava, 02 de macaxeira, 02 de milho, 02 de batata doce, 02 de jerimum e 01 de gergelim. Foram ainda identificados nos agroecossistemas os cultivos de algodão, palma, sorgo, capim, gliricídia, leucena, macambira, xique-xique, cardeiro e leucena.





A pesquisa-ação permitiu também visibilizar que a maior diversidade do agroecossistema se encontra no espaço de gestão das mulheres, o que visibiliza a importância do papel das mulheres no cultivo, colheita, preparação e distribuição dos alimentos seja para o consumo das famílias, venda, troca ou doação e também na proteção da biodiversidade dos agroecossistemas, mesmo em situação de escassez de água e mudanças climáticas. Ressalta-se que das 50 famílias inseridas na pesquisa, apenas 21 têm acesso a cisterna de produção, barreiro trincheira ou barragem subterrânea para produção de alimentos vegetal e animal, 25 acessa barreiros, 16 acessam açudes e 46 têm acesso a cisterna de primeira água. Então mesmo em contexto climático adverso, a diversidade da produção da mulher agricultora é significativa e mesmo tendo um papel essencial na promoção da segurança alimentar e na proteção e conservação da agrobiodiversidade, sua contribuição vem sendo historicamente invisibilizada.

Conclusões

Foi possível perceber e visibilizar a contribuição das mulheres agricultoras de base agroecológica na construção dos sistemas alimentares diversos, social e ambientalmente justos com soberania alimentar e conservação da agrobiodiversidade, constatando-se ainda que a diversidade da produção é bem maior nos subsistemas geridos pelas mulheres (pomar, horta, plantas medicinais e criação de pequenos animais) em comparação com os subsistemas geridos pelo homem. Nos dois assentamentos foram identificadas 208 espécies vegetais e 06 espécies de animais. Essa contribuição vem sendo historicamente invisibilizada por mobilizar recursos não monetários, tais como autoconsumo, doações e troca, o que oculta a contribuição das mulheres na construção de sistemas alimentares e também a diversidade de trabalhos realizados e suas rotinas. Visibilizar essas contribuições é uma forma de fortalecer o necessário debate em termos de construção de políticas públicas para mulheres agricultoras em fase de transição agroecológicas. A agroecologia e o feminismo vêm ao longo dos anos, valorizando as práticas protagonizadas pelas mulheres e visibilizando seu papel, fundamental para a reprodução da vida.

Referências bibliográficas

SILIPRANDI, Emma C. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Brasília: Universidade de Brasília. 2009.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. **A economia feminista e a crítica ao paradigma econômico predominante**. Temáticas, Campinas, SP, v. 26, n. 52, p. 135–166, 2018.